

BC revê para baixo crescimento no ano

JORNAL DO BRASIL

01 JUL 2003

PIB só deve ter expansão de 1,5%

EDNA SIMÃO

BRASÍLIA – O espetáculo do crescimento, tão esperado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não deverá ser presenciado em 2003. Como o nível de atividade da economia brasileira continua baixo, a estimativa do Banco Central para o crescimento do Produto Interno Bruto caiu de 2,2% para 1,5%, considerada a manutenção da taxa de juros básica (Selic) em 26% ao ano e o câmbio em torno de R\$ 2,85. Num cenário alternativo, o PIB do país pode ter crescimento de 1,8%. Esses números seriam puxados pelo bom desempenho do setor agropecuário.

O demissionário diretor de Política Econômica do BC, Ilan Goldfajn, disse que não há “dia D” para a retomada do crescimento, mas que o governo vem construindo os alicerces para atingir esse objetivo. Além da aprovação das reformas da Previdência e tributária, Goldfajn citou como base para o crescimento sustentável o cumprimento da meta de superávit primário (receita menos despesas, excluindo pagamento de juros) de 4,25% do PIB, a estabilização da relação dívida-PIB (que deverá fechar o ano em 55%) e a queda do déficit em transações correntes (que deverá encerrar 2003 em 0,9%).

– Isso tem favorecido a economia e, juntamente com a política monetária, a queda da inflação – afirmou.

Goldfajn disse ainda que o crescimento não deverá ser puxado pelas exportações, como ocorreu no ano passado,

mas pela retomada do consumo e, posteriormente, dos investimentos. O diretor transmite hoje à tarde o cargo ao economista Afonso Bevilacqua, que participou ontem, como ouvinte, de toda a apresentação do relatório trimestral de inflação.

O projeto adotado pelo BC em 1999 para reduzir os juros e o *spread* bancário (diferença entre o que o banco paga para captar o dinheiro e o que ele cobra de seus clientes para emprestá-lo) não teve o resultado esperado e os brasileiros continuam a pagar taxas elevadas de juros aos bancos. Em março, o *spread* havia se estabilizado no patamar de 1994. Segundo Goldfajn, no entanto, não houve erros nas medidas adotadas pela autoridade monetária. O que prejudicou os resultados, disse, foram os choques externos – como a crise de confiança no ano passado, às vésperas da corrida eleitoral –, que provocaram incertezas no cenário econômico.

Goldfajn afirmou que o *spread* bancário elevado se deve a fatores “cíclicos”, mas à medida que as condições macroeconômicas melhorem o número deverá cair. O diretor ressaltou, por exemplo, a necessidade de se aprovar a nova Lei de Falências e o fortalecimento das cooperativas de crédito, que trará maior concorrência, como armas para a redução do *spread*.

Goldfajn ressaltou ainda que a necessidade de *hedge* cambial (proteção) caiu US\$ 27,2 bilhões de dezembro de 2001 a março de 2003.

esimao@jb.com.br

Arquivo JB



DESPEDIDA:

Ilán Goldfajn, que deixa o cargo hoje, admitiu que medidas do BC para baixar juros falharam